

**Orquestra Errante, dezesseis anos de
prática experimental em ambiente
acadêmico:
entrevista com Rogério Costa**

**Orquestra Errante, sixteen years of experimental
practice in an academic environment:
interview with Rogério Costa**

Lucca Perrone Totti

Universidade de São Paulo

lucca.totti@usp.br

<https://orcid.org/0000-0001-7063-973X>

Rogério Luiz Moraes Costa

Universidade de São Paulo

rogercos@usp.br

<https://orcid.org/0000-0002-2927-0421>

Submetido em 26/04/2025

Aprovado em 15/09/2025

Resumo

Esta entrevista com o Prof. Dr. Rogério Costa, docente da Universidade de São Paulo e pesquisador da improvisação, aborda a experiência da Orquestra Errante, coordenada por ele desde 2009. Trata-se de um grupo voltado para a prática da Improvisação Livre e para a experimentação criativa coletiva, organizando-se e sustentando-se através de uma dinâmica informal, horizontal e auto-gerida particular. Enfocamos aqui as estratégias de manutenção da existência do grupo, de forma a incentivar a reflexão e a discussão acerca dos recursos possíveis para a sustentação a longo prazo de um projeto experimental no contexto acadêmico brasileiro, assim como dos desafios enfrentados por esses projetos.

Palavras-chave: Improvisação livre. Práticas experimentais. Academia musical. Criatividade coletiva.

Abstract

This interview with Prof. Dr. Rogério Costa, teacher at Universidade de São Paulo and researcher in improvisation, discusses the experience of Orquestra Errante, organized by him since 2009. The group is focused on the practice of Free Improvisation and collective experimentation, sustaining itself through a particular informal, horizontal and self-managed organization. Our main focus here is the strategies for maintaining the group's existence, in order to encourage reflection and discussion about possible resource for long-term sustainability of experimental projects in the Brazilian academic context, as well as the challenges faced by these projects.

Keywords: Free Improvisation. Experimental Practices. Musical Academy. Collective creativity.

Orquestra Errante, dezesseis anos de prática experimental em ambiente acadêmico: entrevista com Rogério Costa

A Orquestra Errante é um grupo focado na prática da improvisação livre que se estabeleceu dentro da Universidade de São Paulo (USP), organizado pelo Prof. Dr. Rogério Costa. O grupo foi fundado em 2009 e mantém atividades contínuas nestes dezesseis anos de existência. Costa é docente do Departamento de Música da USP, artista e pesquisador da prática e da teoria da improvisação livre. É característico da Orquestra Errante que, ao longo de sua existência, o grupo manteve uma dinâmica de organização altamente informal e autogerida: não possui qualquer vínculo oficial com a instituição ou com o departamento de Música – ainda que ocorra no campus universitário e faça uso de sua infraestrutura –, e não há integrantes fixos, processos de admissão ou avaliação, padrões de proficiência musical ou estilística, funções hierárquicas ou direcionamentos predeterminados.

O grupo se encontra semanalmente, com horário e local fixos, e participam todos que comparecerem a determinado encontro. Estes encontros são voltados não apenas para a prática da improvisação livre em sentido estrito, mas para uma diversidade de experimentações de criação coletiva, em que a improvisação é uma processualidade atualizada das mais distintas formas, direcionadas pelos interesses e propostas dos participantes. Desse modo, o grupo se orienta

¹ Lucca Totti é Mestrando em Sonologia - Processos Criativos pelo PPGMUS da ECA/USP, desenvolvendo uma pesquisa sobre Improvisação Livre a partir da perspectiva crítica de teorias sonológicas da materialidade sonora. É graduado em Licenciatura em Música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Seu trabalho de conclusão de curso pesquisou pedagogias da escuta propostas por R. Murray Schafer e por práticas de Arte Sonora. Atuou como monitor do projeto de extensão "Fábrica de Sons Eletrônicos", coordenado pelos professores Alexandre Fenerich e Paulo Dantas, focado em computação e eletrônica musical. Como artista, compositor e performer, desenvolve trabalhos no campo da Música Experimental e Arte Sonora. Em 2022, lançou seu álbum de estreia, Terramuda, pelo selo Música Insólita. Já participou com trabalhos autorais de *Topie SoundArt Festival (ALE), Monteaudio International Sound Art Festival (URU), Centro de Arte Sonoro (ARG), Bienal de Música Brasileira Contemporânea, Simpósio Internacional de Música Nova, Festival Irradia, Festival Escuta Aqui!, Série Música?, Oficina de Música de Curitiba, SomaRumor - Encontro Latinoamericano de Arte Sonora, entre outras.

² Possui Licenciatura em Artes com Habilitação em Música pela Universidade de São Paulo (1983), mestrado em Musicologia pela Universidade de São Paulo (2000) e doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2003). Em 2011 realizou um estágio de estudos de 2 meses sobre as relações entre improvisação e tecnologia na UCSD (University of California at San Diego) sob a supervisão dos professores David Borgo e Miller Puckette. De agosto de 2013 até julho de 2014 realizou pós-doutorado em Paris, França, na Université Paris 8, sob a supervisão do professor e musicólogo Makis Solomos. É professor livre docente e pesquisador vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Seu principal tema de investigação é a improvisação, particularmente sobre o ambiente da livre improvisação com interação eletroacústica em tempo real, processos criativos e criação coletiva. Faz parte da equipe de pesquisadores do NuSom (Núcleo de Pesquisa em Sonologia da USP - <http://www2.eca.usp.br/nusom/>) coordenado pelo professor Fernando Iazzetta e sediado no Departamento de Música da ECA/USP. Tem composições para variadas formações incluindo octetos, quartetos, trios, duos, peças para saxofone solo e estudos para piano. Atua como saxofonista e flautista em grupos que se dedicam à música experimental e à livre improvisação. É fundador e coordenador do grupo experimental Orquestra Errante, grupo experimental ligado ao Departamento de Música da ECA-USP e ao NuSom e que se dedica à pesquisa e à prática da improvisação. O grupo é composto por performers oriundas/os dos mais diversos meios e com as mais variadas formações musicais.

Orquestra Errante, dezesseis anos de prática experimental em ambiente acadêmico: entrevista com Rogério Costa

primariamente pelo desejo e pela disponibilidade dos interessados, integrando tanto discentes e docentes das graduações e pós-graduações da instituição, quanto participantes de fora do contexto acadêmico ou mesmo musical.

Neste artigo, buscaremos refletir sobre a trajetória da Orquestra Errante atentando às estratégias de manutenção e potencialização da existência do grupo, dos desejos de seus integrantes, e das dinâmicas de relação e criação coletivas engendradas por essas estratégias. Intenciona-se traçar este panorama de modo a favorecer o pensamento de estratégias de organização e sustentação de projetos voltados às experimentações musicais em sentido amplo no contexto acadêmico brasileiro, permitindo a comparação entre táticas diversas de organização e seus resultados, incentivando assim trocas, diálogos e reflexões entre diferentes projetos e suas questões e contextos locais.

A entrevista foi realizada em colaboração direta com Costa, que participou da reflexão inicial de formulação dos tópicos de interesse, até a elaboração e revisão final do texto. Mais ainda, foi realizada também – de maneira central ainda que indiretamente – em colaboração com a própria Orquestra Errante, na medida em que esta é o ambiente no qual os tópicos abordados emergem enquanto problemáticas, e a partir do qual são negociados e navegados concretamente na prática do grupo.

Entrevistador: Conte-nos sobre as origens da Orquestra Errante. Como a improvisação livre adentrou a sua trajetória artística e acadêmica? Como surge a Orquestra Errante?

Rogério Costa: A improvisação foi uma descoberta para mim. Nunca havia me passado pela cabeça a ideia da improvisação, sempre aprendi música da forma mais tradicional possível, começando pelo violão erudito. Apenas depois fui para a música popular, e mesmo nesse ambiente a improvisação não era um tema, o principal era reproduzir a forma de tocar e o estilo dos grandes instrumentistas de referência. Quando entrei na graduação na Universidade de São Paulo (USP) em 1976, a improvisação também estava muito longe – um ambiente ainda mais tradicional do que é hoje, em que minha vivência principal foi tocando violino em orquestra. Mas eu estava fazendo o curso de composição, e a questão da invenção era algo que vinha desde a época do violão. Também tive contato com a área da licenciatura, e nela apareceu o tema da improvisação – como ferramenta pedagógica, algo que aparece em métodos até mais tradicionais.

Quando saí formado da USP, ingressei no mercado de trabalho tocando violino, e comecei também a tocar saxofone. O saxofone trouxe a ligação com o jazz e a música popular, e por aí a

**Orquestra Errante, dezesseis anos de prática experimental
em ambiente acadêmico: entrevista com Rogério Costa**

improvisação apareceu. Então comecei a ligar essas três coisas: o ensino, a invenção, a performance. A improvisação apareceu para mim, pessoalmente, como uma prática significativa e forte que juntava esses três interesses. Integrei também o grupo Aquilo Del Nisso, que durou bastante tempo e se dedicava à criação coletiva com espaços para a improvisação – improvisação idiomática, do jazz brasileiro. Este era um grupo que trabalhava todas as composições e propostas em conjunto – em toda minha trajetória, sempre prezei bastante pelo trabalho criativo coletivo.

Foi quando ingressei na pós-graduação na USP que a improvisação surgiu como tema de pesquisa acadêmica, tendo voltado a me interessar pelas questões da música contemporânea e pelas peças contemporâneas e experimentais que faziam uso da improvisação – Stockhausen, Boulez, Cage, etc. Quis então juntar a improvisação com essas questões da composição, em um mestrado bastante não-ortodoxo para a época, em que compus uma peça centrada na improvisação.

Então a improvisação sempre foi um tema na minha trajetória de pesquisador acadêmico. Ingressei na USP como docente, em 2003, e já estava investigando por conta própria as questões da improvisação livre quando fiz meu doutorado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) sob orientação de Silvio Ferraz – onde entrei em contato com referências filosóficas como Gilles Deleuze, que se tornariam muito importantes para mim nessa investigação da improvisação. Quando terminei meu doutorado, mais focado no aspecto teórico e filosófico dessa música, achei que seria interessante ter na USP um grupo mais focado na prática da improvisação livre, o que passava longe do ambiente acadêmico de então. Criei um grupo que juntava amigos e interessados por esse tema, alguns deles orientandos meus da pós-graduação.

A Orquestra Errante começa então em 2009, despretensiosamente, como um grupo de prática de improvisação livre. Não havia nenhuma pretensão de ser institucional, éramos um grupo de pesquisa informal, não-institucional. Desde o início o grupo já propunha um funcionamento horizontal, autônomo – não havia regras, apenas um horário e um local, e muita conversa, já que todos estávamos pensando ou pesquisando sobre a improvisação. Com o tempo, o grupo foi se consolidando, e a Orquestra Errante cresceu e ficou muito diversificada. Se fixaram alguns participantes por certo tempo, alguns por curtos períodos e outros que se mantêm até hoje. Havia pessoas da graduação, muitos da pós-graduação, alguns professores convidados e pessoas de fora da universidade. A orquestra foi sempre muito instável, variando bastante em número de participantes, instrumentação, e a formação musical e estilística desses participantes. Isso é algo que a própria dinâmica informal pretendia.

**Orquestra Errante, dezesseis anos de prática experimental
em ambiente acadêmico: entrevista com Rogério Costa**

Atualmente, mesmo com a flutuação de integrantes, o grupo está bastante consolidado em sua dinâmica e organização. Há muitos trabalhos que saíram da prática da orquestra e até sobre a orquestra, trabalhos de doutorado e mestrado.

Entrevistador: Que fatores impulsionaram essa consolidação? Como o grupo ganhou consistência a partir desse momento inicial?

RC: Já de saída o grupo manteve uma prática constante, com ensaios semanais. Os participantes, já de início, reconheceram que se tratava de um lugar que valia a pena lutar para preservar – um raro espaço, ainda mais à época –, em que a prática da improvisação livre era sustentada ativamente. E era surpreendente, porque muita coisa que eu e os outros participantes imaginávamos que a improvisação livre deveria ser acabou se expandindo a partir dessas experiências, outras possibilidades de música e de improvisação. Nisso se davam muitas conversas e também embates, questões que problematizavam nossas ideias – por exemplo, pessoas que vinham com um peso do idiomatismo muito forte, e à época éramos mais ortodoxos e barrávamos esse material. Depois dentro da trajetória do grupo passamos a rever essa posição, encaminhando uma prática em que o idiomático pode aparecer, desde que ele não molde as improvisações – se sua presença ressoa nas outras pessoas e impulsiona a improvisação, ele funciona.

Então o grupo se consolidou e ganhou consistência a partir desse reconhecimento, da potência desse espaço e das expansões que ele produzia.

Entrevistador: Quais princípios e desejos norteiam o grupo? Ao longo do tempo, o que estruturou o desejo de sustentar esse grupo, tanto em você quanto nos outros participantes?

RC: No início, havia a vontade de manter um grupo que tivesse essa prática da improvisação coletiva, livre, não-idiomática. As referências até então eram mais europeias, as práticas de Derek Bailey, a vontade de conhecer e pesquisar essas propostas que já aconteciam. Depois, foi surgindo o foco mais relacionado a princípios éticos – princípios como o do acolhimento, de que o resultado sonoro é secundário ao aspecto relacional, de evitar hierarquias e julgamentos, de ser um lugar de livre diálogo entre as pessoas. Sustentar concretamente a prática desses princípios foi sempre a questão central da Orquestra Errante ao longo desse tempo.

O primeiro princípio que sempre me preocupei em garantir, na medida do praticável, é que as mais diferentes e diversas atuações sejam acolhidas – acolhimento até mesmo de assimetrias e diferenças, em que não se evita conflitos. Tudo é acolhido, o que não significa que não se dialoga

positiva ou negativamente sobre a atuação de si e dos outros, mas sim que sempre se tenta dar espaço a essas diferenças e singularidades dos participantes. Esses são os princípios básicos: o acolhimento, a não-hierarquia, a horizontalidade – a improvisação como prática em que o que importa é o agenciamento local, relacional. E também o princípio do desejo: ser um lugar em que se ativa o desejo individual e coletivo – um lugar de linhas de fuga para o desejo, de uma consistência imanente fundada no desejo dos que tomam parte no grupo. E isso reflete também no desejo em lutar contra os vários tipos de opressão e hierarquia que existem dentro e fora do ambiente musical e acadêmico.

É importante dizer, ainda, que esses princípios surgiram ao longo da trajetória do grupo, assim como a metodologia que é também um dos fundamentos do grupo, que é a metodologia da conversa e da escuta. Eu e todos os participantes do grupo fomos aprendendo muito, e foi na conversa, na escuta e no convívio com essas pessoas que esses princípios foram pensados, formulados, decididos.

Entrevistador: Como a improvisação livre se mostrou, ao longo dessa trajetória, uma prática permeável às questões e dinâmicas que interessavam ao grupo? Há alguma singularidade dessa prática que a tornou fundamental para a dinâmica do grupo?

RC: Na Orquestra Errante e na improvisação livre lidamos com o não-controle, com as negociações horizontais em tempo real. Mas é importante reconhecer que o grupo sempre foi permeado por provocações e questões que vinham de fora, de outras práticas e formas, de modo que passamos a considerar a improvisação livre como uma prática que se alimenta da biografia e das experiências de cada pessoa, tornando inevitável nas performances a utilização de fragmentos do idiomático, de outras referências. Então a prática do grupo sempre alimentou as reflexões do grupo sobre a própria improvisação livre, e vice-versa. Há sempre a retroalimentação entre prática e reflexão, e nunca um modelo fixo do que é a improvisação.

Entrevistador: A improvisação comportaria talvez uma permeabilidade maior ao jogo horizontal, uma resistência ao controle vertical, hierarquizado, se prestando à dinâmica relacional e dialógica do grupo.

RC: Certamente. E esse aspecto esteve presente desde a própria criação do grupo, o interesse inicial dos participantes. Mas a Orquestra Errante hoje em dia talvez não seja um grupo só de improvisação livre, algo que também se desenrolou ao longo do tempo na dinâmica do grupo. Por

exemplo, quando gravamos nossos dois discos, em 2019, houve essa discussão, se faríamos exclusivamente gravações de improvisações livres, sem combinação nenhuma. Mas a partir da conversa, o grupo decidiu que preferia que, além das improvisações livres, cada pessoa do grupo formulasse uma proposta própria para o grupo, que poderia ser semi-improvisada, misturar improvisação e composição etc., desde que essa pessoa conduzisse e dirigisse todo o processo dessa proposta (de conceber a ideia até mixar o resultado no álbum)³. Houve então, e recorrentemente há, propostas composicionais, roteiros, diretrizes. Então a Orquestra Errante não é um grupo apenas de improvisação livre.

Entrevistador: Esse exemplo mostra como o processo de improvisação é mediado pelo grupo e pela conversa, direcionado a prestar aos desejos criativos do grupo mais do que a sustentar uma suposta pureza idealizada do que seria a improvisação livre.

RC: Há muitos exemplos de mistura. Pensando apenas em casos recentes, Romulo Alexis⁴ realizou uma oficina e um concerto semi-composicionais, em que partiu de uma discussão coletiva de referenciais afro-diaspóricos para propor roteiros de improvisação e diretrizes musicais e afetivas. Yonara Dantas⁵ preparou o grupo cenicamente, para uma performance em que além da atuação musical livremente improvisada havia também uma camada cênica dirigida. Então o grupo não é avesso a isso. Como um dos princípios é que o grupo é um grupo de criação coletiva, essas propostas são bem recebidas, independente de se conformarem ou não a qualquer rótulo ou definição sobre a improvisação.

Entrevistador: Como o processo do grupo foi mudando ao longo do tempo?

RC: Há vários anos, escrevi um ensaio⁶ em que fiz uma reflexão a posteriori sobre como o grupo estava se direcionando até aquele momento. Desde então, ficaram claras algumas novas diretrizes ou princípios que foram emergindo ao longo da prática do grupo. Essencialmente, nos

³ Os álbuns estão disponíveis em: <https://berro-nusom.bandcamp.com/album/orquestra-errante-vol-1> (volume 1); <https://berro-nusom.bandcamp.com/album/orquestra-errante-vol-2> (volume 2). Acesso em: 22 mar 2025. As propostas de cada peça podem ser encontradas nos textos informativos de cada faixa.

⁴ Alexis é improvisador, compositor e pesquisador da improvisação e da música negra. Esta oficina foi diretamente relacionada à sua dissertação de Mestrado (INÁCIO, 2024), exemplificando o funcionamento frequente da Orquestra Errante como laboratório de pesquisa teórica e prática.

⁵ Dantas é artista cênica, diretora, educadora e pesquisadora da improvisação, da filosofia da arte e da educação.

⁶ Trata-se de Costa, 2013. Costa aborda a experiência da Orquestra Errante, com maior aprofundamento teórico, também em textos como Costa, 2016; 2020; 2021.

Orquestra Errante, dezesseis anos de prática experimental em ambiente acadêmico: entrevista com Rogério Costa

afastamos do referencial eurocêntrico, de que a improvisação livre utilizaria apenas ruídos e eliminaria tudo aquilo que evocasse o idiomático. Nos afastamos também de referenciais sonoros como a escuta reduzida, questões que moldavam as primeiras expectativas das pessoas que iniciaram o grupo. Aos poucos, fomos contaminados por ideias que poderiam ser ditas decoloniais, trazidas por exemplo pelas obras do improvisador e teórico George Lewis, passando a ter um referencial mais aberto.

O que se deu então foram principalmente transformações no pensamento sobre ideias de música, fugindo do pensamento eurocêntrico tecnicista, evolucionista, de uma evolução ou progresso nas ideias e formas de prática musical. Esse aspecto mudou bastante ao longo do tempo, também em relação às questões e preocupações do grupo, sempre dependendo dos participantes que estavam presentes.

Entrevistador: A Orquestra Errante existe dentro da USP, uma instituição que se coloca como um dos maiores centros acadêmicos do país, com um Departamento de Música fortemente tradicional. Apesar disso, o grupo estabeleceu uma relação altamente particular com esse contexto, escolhendo evitar vínculos formais e institucionalizados, o que aparenta ressoar com o caráter da música praticada pelo grupo. Como se deu ao longo do tempo a relação entre o grupo e a instituição? Quais estratégias foram escolhidas pelo grupo para mediar a prática dessa música e a visão tradicional hegemônica no contexto acadêmico em que o grupo está inserido?

RC: Nestes dezesseis anos, o grupo nunca foi incomodado pela instituição; na verdade, nunca nos perguntaram o que estávamos fazendo. Pelo contrário, em algumas ocasiões fomos até convidados a tocar com a OSUSP (Orquestra Sinfônica da USP). Ainda que alguns professores tenham uma posição mais ortodoxa ou tradicional do ensino musical, nunca se incomodaram com a existência da Orquestra. Isso se deve principalmente, acredito, porque não invadimos o departamento – estamos em um horário diferente, e muitas vezes até mesmo fora do espaço do próprio departamento de música, ainda que dentro do campus universitário. Então, mesmo que possa haver um certo desdém, nunca tivemos conflitos diretos. Ainda assim, é verdade que nossa atuação é bastante diferente da visão hegemônica – não temos avaliação, prova, presença, conteúdos prontos; e ainda a própria música que fazemos é contrária à essa visão. É um grupo bem diferente, o que pode incomodar, mas nunca houve nenhum choque direto.

**Orquestra Errante, dezesseis anos de prática experimental
em ambiente acadêmico: entrevista com Rogério Costa**

Entrevistador: A estratégia principal de mediação com o aspecto institucional parece ter sido, então, tentar manter-se na borda ou nas brechas da instituição. Quase como passar despercebido, ao mesmo tempo em que tirando proveito da estrutura institucional que se consegue ter acesso para sustentar o grupo. Por que evitar esse vínculo formal?

RC: É uma vantagem, não se submeter à burocracia institucional. Ficar invisível, nas bordas, sem chamar atenção. A institucionalização traz uma série de questões – chamadas, ementas, hierarquias, cobranças. Ainda que precise se reconhecer que há também, por outro lado, uma série de aliados dentro da instituição, que favorecem o acesso à estrutura essencial para a manutenção do grupo.

Apesar disso, estou neste momento refletindo se seria estratégico transformar o grupo em uma disciplina optativa dentro do departamento de música, obtendo mais respaldo institucional. Continuaríamos com a mesma estrutura de acolher a todos que quisessem participar, sem alterar nossa dinâmica horizontal fundamental, mas essa institucionalização poderia aumentar a integração do grupo dentro do departamento e incentivar a participação dos discentes.

Em qualquer caso, é marcante que o que movimenta o grupo é a dinâmica dos desejos e das trocas, da participação livre e coletiva, que não passa pelo direcionamento institucional premeditado – não há como fazer um programa de disciplina do que irá acontecer.

Entrevistador: Você é também docente nos cursos de graduação e pós-graduação no Departamento de Música da instituição. Quais intersecções e relações você vê entre a experiência da Orquestra Errante e a sua prática docente? Como suas disciplinas são atravessadas por essa experiência, e como isso ressoa no corpo discente?

RC: Há duas situações. Primeiro, leciono principalmente disciplinas bastante tradicionais: Contraponto e Harmonia. Minha prática e minhas reflexões sobre a improvisação livre certamente têm atravessado minha docência, propondo transformações na forma que leciono essas disciplinas, especialmente em termos de metodologias e conteúdos. Partindo das ideias de decolonialidade e anti-racismo, por exemplo, busco trazer para essas disciplinas uma expansão dos repertórios examinados – não tratar apenas do contraponto clássico, mas examinar outras formas de pensar o contraponto, seja na música popular, na música eletroacústica, ou o contraponto como forma de pensar de músicas não-ocidentais. Metodologicamente, também, utilizo algumas estratégias da improvisação para tratar da harmonia e do contraponto em sala de aula.

Orquestra Errante, dezesseis anos de prática experimental em ambiente acadêmico: entrevista com Rogério Costa

Assim, procuro estratégias pedagógicas para examinar outros repertórios e outras ideias de música, de forma a expandir os limites disciplinares tradicionais – disciplinas que costumam ser pensadas rigidamente como conteúdos acabados, fechados, estáticos (mesmo que, claro, essas reformulações estejam sendo propostas em diversos lugares da academia musical). Estas reflexões sobre a expansão do repertório, a quebra da hegemonia do olhar eurocêntrico, e metodologias alternativas vêm diretamente da minha prática como improvisador e da experiência da Orquestra Errante, modificando minhas formas de lecionar estas disciplinas tradicionais, buscando tensionar o significado e os horizontes dessas ideias.

Uma situação diferente se dá na disciplina Práticas Experimentais de Criação, que é um dos espaços institucionais que conseguimos conquistar nos anos recentes. Nela refletimos sobre a própria ideia de composição, tratando-a mais amplamente como forma de pensamento e criação musical – compor é inventar musicalmente, independente do processo ou sistema específico. Neste caso, então, as reflexões e práticas que emanam da improvisação e da Orquestra Errante percorrem mais diretamente os conteúdos – trata-se de uma disciplina muito prática, em que a improvisação (em suas mais diversas formas) é usada como ferramenta metodológica para que os alunos entrem em contato com a prática performática criativa, a criação pensada a partir da prática e da performance.

E o mais interessante é que esta é uma disciplina obrigatória de dois semestres no primeiro ano do curso de composição. Então os ingressantes já se deparam de início com um ambiente voltado para a expansão de horizontes do que se entende por composição, assim como um espaço que, desde o início do curso, incentiva e faz presente a experimentação livre e direta com a invenção musical. Aqui atravessam não apenas a improvisação como metodologia de experimentação prática, mas as ideias de acolhimento, escuta, diálogo, que vêm também da Orquestra Errante. E percebo que este ambiente, por um lado, quebra algumas expectativas que esses ingressantes tinham sobre o curso, de que se trataria de um conteúdo mais técnico e referente à composição erudita tradicional. Por outro lado, permite e potencializa a expressão de desejos criativos que estes alunos não antecipavam, ou mesmo que julgavam que não seriam acolhidos no escopo de um curso formal de composição musical.

Entrevistador: A Orquestra Errante busca centralizar o desejo, orientar-se em primeiro lugar pelo desejo. A própria participação, em vez de uma obrigação curricular, é baseada exclusivamente

**Orquestra Errante, dezesseis anos de prática experimental
em ambiente acadêmico: entrevista com Rogério Costa**

no desejo e na disponibilidade de se estar com o grupo. Qual é o perfil dos integrantes do grupo, e, principalmente, que desejo os leva à Orquestra Errante?

RC: Em termos de perfil, há muitas pessoas da pós-graduação, normalmente orientandos meus, que costumam já conhecer a improvisação livre e se direcionam para esse caminho – ou têm projetos relacionados à criação coletiva, escuta, etc. Grande parte dos integrantes atualmente vem da pós-graduação. Da graduação, costumam vir dos cursos de composição e licenciatura – campos em que já há o germe da criação –, mais raramente dos cursos de bacharelado em instrumento. Menos pessoas vêm da música erudita tradicional, mas há algumas. E bastante gente que vem de fora do curso de música, e de fora da academia em geral – também por isso, talvez, não incomode tanto a instituição. Então é um grupo muito diversificado, já passaram pessoas do cinema, do teatro, das artes visuais, da arquitetura, etc.

No geral, costumam ser pessoas que já são em alguma medida contaminadas por essa ideia da improvisação, ou da criação coletiva – porque vêm de outras práticas que prezam por tocar o instrumento criativamente, em que tocar o instrumento é ser você mesmo, o instrumento como forma de se expressar, ao contrário da formação erudita tradicional em que o foco está mais em ser um reproduzidor de repertório existente. E essas pessoas – porque gostam de jazz, porque gostam de música popular, porque são compositores mas gostam de tocar, etc. – reconhecem e sentem a potência criativa do ato performático. A maioria das pessoas que participam da Orquestra Errante está interessada em obter algo dessa potência da performance como ato de liberdade e de desejo. Sair da prisão do papel do intérprete, do reproduzidor – quem sente esse desejo vê com bons olhos a improvisação livre, e busca a Orquestra Errante como esse lugar de potencial libertador, da improvisação como expressão do desejo. E as pessoas que não vêm do ambiente musical formal normalmente encontram o grupo como um lugar de poderem praticar a música e a criação musical sem entraves e impedimentos como a exigência de proficiência técnica ou conhecimento teórico.

Se transformarmos o grupo em uma disciplina optativa, poderia ser ainda uma oportunidade maior de atingir os alunos dos bacharelados em instrumento, que são os menos presentes no grupo. Esses cursos são tão exigentes no caminho técnico que os alunos ficam amedrontados ou sem tempo de terem outras experiências. No geral, há um discurso de convencimento que é necessário – o instrumentista do bacharelado tem que entender que é útil para ele fazer improvisação livre para melhorar enquanto músico.

Entrevistador: E como o grupo retroalimenta esses desejos tão diversos?

Orquestra Errante, dezesseis anos de prática experimental em ambiente acadêmico: entrevista com Rogério Costa

RC: As pessoas levam essa experiência para suas práticas. São impactadas no sentido de se tornarem mais abertas, colaborativas, com uma escuta mais aberta aos vários tipos de prática musical. E também para atuações enquanto educadores, artistas cênicos ou visuais, outros campos da arte, etc. Há muitos exemplos de pessoas que passaram pelo grupo e que levaram seu trabalho para outros caminhos a partir disso, ou mesmo que descobriram e iniciaram trabalhos profundos na improvisação livre a partir da disponibilidade da Orquestra Errante – que usaram a Orquestra Errante como laboratório para potencializar suas experiências. O grupo é muito permeável e acolhedor a essas propostas, e a participação acaba por potencializar esses desejos e projetos dos participantes.

Entrevistador: A Orquestra Errante existe de modo contínuo há dezesseis anos, resistindo à dispersão que frequentemente marca a experiência de grupos e iniciativas dentro do contexto acadêmico. Como o grupo tem sido capaz de se sustentar por tanto tempo? Quais estratégias e contingências marcaram essa continuidade?

RC: Sem dúvida, o fato de estar ligado à universidade e ter a estrutura da universidade serviu de grande apoio à Orquestra Errante – e nunca houve oposição a usar essa estrutura, ainda que possa ter havido eventualmente certas cobranças institucionais acerca das atividades. Concretamente, a estrutura da USP sustenta o grupo. Também, claro, minha vontade de desenvolver a prática e a pesquisa da improvisação livre, e os vínculos criados a partir disso – e minha presença e atuação, antes de tudo, garantem que o grupo mantenha acesso à estrutura da universidade.

Mas o principal é a presença sempre renovada do interesse dos participantes, e não sei dizer diretamente como isso acontece. Ao longo dos dezesseis anos, nunca houve um momento em que não houvesse um número de participantes interessados. Mesmo com a mudança frequente de membros o grupo nunca se dispersou ou interrompeu sua continuidade, nunca houve um hiato. Sempre há interessados, às vezes cinco, sete, mas em algumas épocas vinte – mesmo de semana a semana há bastante variação. Recebemos também muitas visitas de improvisadores que estão de passagem por São Paulo, e participam dos ensaios ou propõem alguma atividade. Muita coisa acontece sempre, e nunca deixou de haver pessoas interessadas. Há os participantes que comparecem continuamente há muitos anos, e também os que voltam recorrentemente ao grupo mesmo após intervalos grandes. Com certeza, a dinâmica informal e maleável do grupo, sem uma obrigação de presença, torna o grupo mais propício a essa flutuação dos participantes e seus

desejos – essa é talvez a estratégia fundamental para a sustentação do grupo ao longo de todo esse tempo.

O que posso constatar é que o tema da improvisação continua potente, continua interessando um grande número de pessoas, então sempre há novos integrantes.

Entrevistador: Quais têm sido os maiores desafios do grupo recente ou atualmente? Que cenário tem se desenhado, e como se está lidando com estas questões?

RC: O desafio é manter sempre a continuidade do grupo, e mais ainda a renovação dos interessados e participantes. Como disse, estou refletindo sobre o processo de transformar a Orquestra Errante em uma disciplina optativa, institucionalizando o grupo. Principalmente para criar uma situação que favoreça uma maior integração deste trabalho com a graduação – enquanto educador gostaria que a improvisação seja uma semente jogada já na graduação, e presente em todos os cursos e práticas, expandir os horizontes desenhados pelo atual caminho estreito de formação instituído na academia. Frente ao fechamento desse horizonte de possibilidades, considero esta uma tarefa que, nesse momento, seria mesmo politicamente importante.

Referências

COSTA, Rogério Luiz Moraes. Na Orquestra Errante Ninguém Deve Nada a Ninguém ou... Como Preparar um Ambiente Propício à Prática da Livre Improvisação. *Música Hodie*, v. 13, n. 1, 2013, p. 279-286.

COSTA, Rogério Luiz Moraes. *Música Errante: o jogo da improvisação livre*. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2016.

COSTA, Rogério Luiz Moraes. Orquestra Errante: uma prática musical entranhada na vida. *Revista Música*, v. 20, n. 1, 2020, p. 309-328.

COSTA, Rogério Luiz Moraes. Orquestra Errante: Improvising Assemblages Facing the Totalitarian Assemblage. In: DE ASSIS, Paulo; GIUDICI, Paolo (Orgs.). *Machinic Assemblages of Desire: Deleuze and Artistic Research 3*. Ghent: Leuven University Press, 2021, p. 339-350.

**Orquestra Errante, dezesseis anos de prática experimental
em ambiente acadêmico: entrevista com Rogério Costa**

INÁCIO, Romulo Alex. *Fora da temporalidade: The Art Ensemble of Chicago e a Práxis Criativa Negra*. 2024. Dissertação (Mestrado em Processos de Criação Musical) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.